

**A POLÍTICA IMPERIAL NAS “COUSAS POLÍTICAS” E NAS  
“BALAS DE ESTALO” DA GAZETA DE NOTÍCIAS: O  
JORNALISMO DOS ÚLTIMOS ANOS DA  
MONARQUIA (1883-1884)**

**IMPERIAL POLICY IN “COUSAS POLÍTICAS” AND IN  
“BALAS DE ESTALO” OF GAZETA DE NOTÍCIAS: THE  
JOURNALISM IN THE LAST YEARS OF  
MONARCHY (1883-1884)**

Ana Flávia Cernic RAMOS\*

**Resumo:** A *Gazeta de Notícias* foi um dos principais jornais responsáveis pela grande transformação do jornalismo brasileiro no final do século XIX. Entre as suas principais propostas, estava a mudança na intenção dos textos que integravam suas páginas. Segundo o desejo de seu fundador, Ferreira de Araújo, a *Gazeta* valorizaria a notícia imparcial e objetiva, e a “neutralidade” política. A partir da comparação entre as colunas “Balas de Estalo” e “Cousas Políticas”, ambas publicadas na *Gazeta de Notícias* e escritas pelo seu fundador, analisaremos como foi possível construir um projeto político de crítica à Monarquia e às instituições que a legitimavam a partir dessa nova forma de fazer jornais.

**Palavras-chave:** Imprensa – Política – Monarquia.

**Abstract:** The *Gazeta de Notícias* was one of the major newspapers responsible for the great transformation of Brazilian journalism in the late Nineteenth Century. According to the proposals of its founder, Ferreira de Araújo, the *Gazeta* would value the publication of news impartially and objectively, developing a political "neutrality". From the comparison between columns "Balas de Estalo" and "Cousas Políticas", both published in the *Gazeta de Notícias*, and written by its founder, my aim is to analyze how it was possible to build a political critique of the Monarchy, from this new concept of newspaper.

**Keywords:** Press – Politics – Monarchy.

Em 11 de fevereiro de 1884, na sua tradicional coluna “Cousas Políticas”, Ferreira de Araújo, fundador e dono de um dos maiores jornais do Rio de Janeiro naquele final de século, a *Gazeta de Notícias*, escrevia que uma “imprensa neutra” fazia política “sem se filiar a partidos políticos”. Acusada pelo jornal conservador *Brazil* de igualar liberais e conservadores em um de seus últimos artigos, a *Gazeta*, através de Araújo, se defendia, dizendo que “a imprensa neutra” tinha “pouco a ver com essas preposições de caráter absoluto”. Segundo Araújo, seu jornal era resultado dos novos tempos e podia ostentar a “vantagem” de não pretender ir para um “lugar que

---

\* Doutora em História – Programa de Pós-Graduação em História – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UNICAMP. Professora do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia (UFU), Campus Sta. Mônica, Bloco H, Sala 1H49, CEP: 38400-902, Uberlândia, Minas Gerais - Brasil. E-mail: [afcramos@yahoo.com.br](mailto:afcramos@yahoo.com.br).

considerava mal ocupado”. Para Araújo, a imprensa deveria colocar de lado suas “ambições pessoais”, sendo sua “missão” destruir o que a “opinião pública” julgava mal, preparando o terreno e animando “os esforços dos que são capazes de edificar” (ARAÚJO, 1884, p.1).

Para o autor das “Cousas Políticas”, diante da “desorganização dos partidos”, tinha a “imprensa neutra” a responsabilidade de “formar” uma “opinião pública”, de levar aos leitores a uma discussão de “princípios”. E se assim o fazia era porque o interesse não estava em destruir “pelo prazer de destruir”, mas indagar se o que havia ainda podia ser utilizado, ou se merecia “realmente ser destruído”. Para Araújo, a *Gazeta* representava uma imprensa “desapaixonada”, sem “segunda intenção”, que se configurava apenas como o “fio condutor” que poria em “comunicação” o “pensamento da maioria dos bem intencionados”, para que estes coligassem os seus esforços e os encaminhassem para a “obtenção do bem geral” (ARAÚJO, 1884, p. 1).

O ideal da neutralidade política foi um dos principais ingredientes das mudanças sofridas pela imprensa no final do século XIX. Vista como um princípio de objetividade, como elemento fundamental de uma imprensa que se imaginava “moderna” e apartidária, que fazia política sem representar interesses particulares, a questão da neutralidade se transformou em tópico de disputa entre importantes intelectuais da época que, ao mesmo tempo em que debatiam as configurações do novo jornalismo, viam também na imprensa um importante instrumento de atuação política. Escrevendo alguns anos antes de Ferreira de Araújo, José do Patrocínio, em 27 de junho de 1881, também nas páginas da *Gazeta de Notícias*, lamentava:

A fonte viva da política de um povo é a sua imprensa. É ela que agremia as opiniões em partidos, que disciplina estes para o governo; é que fortalece ou enfraquece os governos para sustentá-los ou derrubá-los em nome do país. Pois bem, a capital do império, o grande laboratório da opinião nacional, não tem uma imprensa política. A imprensa em massa se declara neutra. [...] Significa isto a abstenção inteira do povo quanto à marcha dos seus governos? Não, porque nos “a pedidos” dos jornais a discussão continua; porque nas conversações particulares a política toma o primeiro lugar. Qual a explicação do fato? É que a imprensa da Corte vive no meio de uma sociedade em que a propriedade poderosa, a propriedade que faz opinião, é na sua maioria estrangeira e, por isso mesmo, neutra. Neutralidade antipatriótica basta para demonstrar que a imprensa da capital é estrangeira (PATROCÍNIO, 1881, p. 1).

Este foi o último artigo que José do Patrocínio publicou como colaborador da *Gazeta de Notícias*. Amigo de Ferreira de Araújo, ele havia entrado para o quadro de colaboradores da *Gazeta* em 1877, tornando-se um dos seus principais folhetinistas

políticos já em 1878. Sob o pseudônimo Proudhomme, ele escrevia a coluna intitulada “Semana Política”, publicada regularmente às segundas-feiras (FERACIN, 2006), cujo lugar seria ocupado, alguns anos mais tarde, pelas “Cousas Políticas” de Araújo. No entanto, pouco depois de fevereiro de 1881, quando o dono da *Gazeta de Notícias* partiu para sua primeira viagem à Europa, a situação de Patrocínio naquele jornal começou a se tornar muito delicada. Sempre com artigos inflamados, passou a não encontrar nas páginas desta folha a liberdade de que gozava, por exemplo, no jornal de Ferreira de Menezes, a *Gazeta da Tarde*. Diante disso, começou então a se desentender com os donos e com os principais redatores da *Gazeta de Notícias*, tais como o português Henrique Chaves, Elísio Mendes e Francisco Ramos Paz.

O último artigo de Patrocínio para o jornal de Ferreira de Araújo, sobre a “neutralidade política” da imprensa carioca, registrava, entretanto, não apenas o desencanto do articulista, como trazia para o debate o papel que a imprensa brasileira havia se atribuído naquele momento. E o assunto não era novo. Desde o início de sua trajetória, a *Gazeta de Notícias* tinha se esforçado por se caracterizar como um jornal “não partidário”, “moderno”, que tinha como compromisso fundamental a notícia isenta, o debate e a pluralidade de ideias. O próprio Machado de Assis, em crônica comemorativa do aniversário da *Gazeta*, lembrava o avanço que o jornal de Ferreira de Araújo havia proporcionado à imprensa ao criar uma folha que “não servia a partidos” (ASSIS, 1996). E Machado não estava enganado, a *Gazeta de Notícias*, de fato, desejou desde o seu surgimento se diferenciar dos muitos jornais efêmeros que surgiram ao longo do século XIX e que tinham como principal propósito defender grupos políticos.

Ao falar da *Gazeta de Notícias*, Machado provavelmente se remetia às mudanças mais gerais da imprensa que ele testemunhara, como literato e integrante de importantes jornais da época. A partir dos anos de 1870, o Rio de Janeiro, além das grandes transformações políticas e sociais, assistia também ao surgimento das condições que se tornaram essenciais para o desenvolvimento dessa nova imprensa, tais como o aumento expressivo da população, a instalação do serviço telegráfico, o desenvolvimento dos serviços dos correios e, principalmente, a construção de uma malha ferroviária que atingia lugares cada vez mais longínquos (BARBOSA, 2000). Criadas essas condições, o Rio de Janeiro tornou-se o grande centro de um novo jornalismo, que teve entre os seus protagonistas a *Gazeta de Notícias*, fundada em 1875 (SODRÉ, 1966). Como o grande empreendedor, Ferreira de Araújo inaugurou o sistema de vendas avulsas pelas cidades, passou a distribuir o seu jornal a preço popular (40 réis) e revolucionou o conteúdo do seu

periódico ao tornar os seus artigos e colunas mais leves, curtos e acessíveis ao grande público (PEREIRA, 2004). Já em seu prospecto, publicado em 2 de agosto de 1875, a *Gazeta* afirmava que seu único compromisso era com a “jovialidade”, com a “leveza” e com o gosto do público (LULU SÊNIOR, 1875, p. 1).<sup>1</sup>

Como resultado destas transformações, um novo jornalismo se difundiu no Rio de Janeiro. Muda-se o padrão editorial das publicações, aumenta-se a tiragem, mas, principalmente, “[...] muda-se a intenção dos textos que integram os periódicos”, passando-se a “[...] valorizar sobremaneira a notícia instantânea e a imparcialidade” (BARBOSA, 2000, p. 24). Os textos agora diziam pretender, sobretudo, “[...] informar com isenção, com neutralidade e veracidade”, o que leva à criação de colunas fixas para informação e para opinião, ao mesmo tempo em que se privilegia a edição de notícias informativas, em detrimento da opinião (BARBOSA, 2000, p. 24). O sentido de objetividade passou a integrar a forma como jornais e revistas se apresentavam a partir da década de 1870, constituindo seu discurso de legitimidade. Apresentando-se como órgãos preocupados em fazer crítica social, em conduzir a opinião pública para o aperfeiçoamento das instituições, eles afirmavam que sua ética estava sustentada pela noção de imparcialidade e de independência política. Ou seja, a imprensa que nascia se afirmava portadora de uma “missão”, se via como uma espécie de “fio condutor” da opinião pública e da luta pelos interesses do “bem geral”, como podemos observar nas falas de Araújo e Patrocínio. Além disso, a imprensa passou a ser constantemente representada como um instrumento de informação que garantiria o debate, a pluralidade de ideias e a isenção no tratamento dos assuntos, como também notamos na fala de Machado de Assis.

Outro ponto que merece destaque é o lugar ocupado pela política nos jornais daquele período. Respirava-se política, sendo ela assunto preponderante para qualquer assíduo leitor de periódicos do século XIX. Os habitantes da cidade participavam da vida política da cidade e do país de diversas formas.

Acompanhavam de perto o que acontecia no parlamento; muitos eram contumazes frequentadores das galerias da Câmara e do Senado, estavam bem informados a respeito das oscilações dos gabinetes e dos atos dos ministros (BALABAN, 2009, p. 337)

prestavam atenção nos atos do imperador, consumiam uma quantidade enorme de diários que comentavam o cotidiano político do país. Constituindo-se a nova imprensa também como um grande empreendimento comercial, a política, fonte de grande

interesse por parte do público leitor, obviamente representava um dos principais ingredientes dessa receita para um novo jornalismo.

Uma vez reconhecido o importante papel da política na pauta dos periódicos, é preciso, entretanto, reconhecer as maneiras pelas quais se discutia política nas páginas dessas publicações. Ferreira de Araújo e José do Patrocínio, escrevendo em momentos diferentes, viam a atuação de um dos maiores e mais populares jornais daquele momento, a *Gazeta de Notícias*, de modos diferentes. Para Patrocínio, o discurso da “neutralidade” comprometia a ação da imprensa como aquela “agremia as opiniões em partidos”, que “disciplina estes para o governo” (PATROCÍNIO, 1881, p. 1). Para Araújo, entretanto, era justamente a “isenção”, a crítica independente que garantia a atuação do jornal em nome do interesse geral e da “opinião pública” (ARAÚJO, 1884, p. 1). Partindo do “impasse” entre os dois colaboradores da *Gazeta de Notícias*, pretende-se aqui abordar a forma como a política foi tema do jornal de Ferreira de Araújo a partir da comparação entre duas colunas de bastante sucesso nos primeiros anos da década de 1880: “Balas de Estalo” e as “Cousas Políticas”. Em um momento em que questões polêmicas como o abolicionismo, o republicanismo e as críticas ao poder Moderador e à Monarquia estavam na pauta do dia, comparar uma seção de crônicas, voltada para o humor, com uma coluna política, de primeira página, que ocupava o lugar do editorial do jornal, pode ser uma importante estratégia para descobrir como o dono da *Gazeta de Notícias* solucionou seu impasse.

### *O projeto da “neutralidade” nas “Balas de Estalo” e nas “Cousas Políticas”*

Entre os anos de 1883 e 1886 foi publicada diariamente na segunda página da *Gazeta de Notícias* uma série coletiva de crônicas intitulada “Balas de Estalo”. Composta por diversos colaboradores, a série se tornou um “confeito” que os leitores do Rio de Janeiro pareciam ter gostado. Com mais de uma dezena de pseudônimos, que se revezavam no ofício de comentar o cotidiano da cidade e as ações da política nacional, “Balas de Estalo”, ao longo de mais de suas 940 crônicas, articulou um projeto de nação, construído lentamente a partir de críticas contundentes à Monarquia, à Igreja e à Escravidão. As principais instituições do Império tornaram-se alvos diários na coluna da *Gazeta de Notícias* cujas características mais marcantes eram a pluralidade e o humor. Evidenciando o desejo de “estalar” balas de “artilharia”, ou de “açúcar”, em direção aos principais “homens e instituições” do país, a série se transformou em um espaço importante no jornal de Ferreira de Araújo nos debates sobre a política nacional.

Compondo-se de narradores que primavam pela simplicidade e pela objetividade de seus textos, “Balas de Estalo”, publicada em espaço entrelinhado, ganhou importante destaque na *Gazeta*, enfatizando que um de seus principais objetivos era agradar ao maior número possível de leitores (RAMOS, 2005).

Fazendo da “pilhéria” seu ingrediente mais marcante, a série construiu um significativo espaço de debate sobre os mais variados assuntos, entre os quais a política, a religião, a escravidão, a polícia, o carnaval e a ciência médica. Seus colaboradores, entre eles o próprio Ferreira de Araújo, revezavam-se no ofício de produzir crônicas curtas e engraçadas, surgidas a partir de comentários rápidos de pequenos acontecimentos e fatos inusitados, que na coluna eram transformados em crítica às tradicionais práticas políticas do império. Comentários que, ao longo da publicação, acabaram por elaborar um arcabouço de críticas que demonstravam o atraso em que vivia o imperador, a monarquia e todas as instituições que a alicerçavam.

Tais críticas não podem deixar de ser analisadas sob a perspectiva do projeto de “neutralidade” da *Gazeta de Notícias*. Uma vez que a série se tornou tão popular, seria impossível desconsiderar a importante intervenção política que as engraçadas “balas de estalo” introduziram neste periódico. Uma das maneiras possíveis de observar a forma como “Balas” assumiu essa “missão” na *Gazeta* é a comparação entre a série e a coluna “Cousas Políticas”, que também foi bastante popular e que se pautava pelos temas mais polêmicos da política imperial.

Escrita por Ferreira de Araújo, a coluna “Cousas Políticas”, publicada entre os anos de 1883 e 1885, aparecia todas as segundas-feiras na primeira página da *Gazeta de Notícias*, comentando os acontecimentos políticos de destaque da semana anterior. Embora aparecessem sem assinatura, todos sabiam que por detrás dos textos das “Cousas Políticas” estava Ferreira de Araújo, que utilizava aquele espaço do jornal como uma espécie de “editorial” da *Gazeta de Notícias*. Assuntos como as trocas de ministérios, os programas dos partidos políticos, a atuação do Poder Moderador, o incentivo à imigração, a escravidão, a defesa do casamento civil e a separação legal entre a religião estiveram presentes em vários dos textos de Araújo e se tornaram a marca registrada da coluna ao longo de sua publicação.

O ponto que primeiramente nos interessa na comparação entre essas duas colunas é a questão da autoria. Em “Cousas Políticas”, apesar de não haver assinatura, sabia-se que sua autoria cabia a Ferreira de Araújo. Em “Balas de Estalo”, todas as crônicas escritas por Araújo vinham sob o pseudônimo Lulu Sênior, assinatura que o dono da *Gazeta de Notícias* já utilizara em outras ocasiões, em especial na sua participação no

jornal humorístico *O Mosquito*. Escritas pelo mesmo autor e tratando muitas vezes dos mesmos temas, “Balas” e “Cousas Políticas”, entretanto, tinham funções diversas dentro do jornal, sendo que a existência do pseudônimo se constituía em um instrumento importante nessa diferenciação. Em comparação ao restante do grupo de “Balas de Estalo”, Ferreira de Araújo mantinha uma relação bastante particular com seu pseudônimo. Em 29 de setembro de 1883, por exemplo, na crônica em que Lulu Sênior comentava uma denúncia que a *Gazeta* havia feito sobre a polícia, podemos observar uma suposta alteridade existente entre autor e narrador:

Dias depois, o subdelegado, que tinha dado a bofetada, por modéstia, não se gabava disso, chamou à responsabilidade o *nosso gordo patrão* que tinha posto a história toda na *Gazeta*. O bom patrão despediu-se da família, fez testamento, rolou pela ladeira de justiça d’ El Rei Nosso Senhor [...] e ficou à espera que continuasse o processo para ir gemer a referida palha úmida dos cárceres (LULU SÊNIOR, 1883, p. 2, grifo nosso).

Nesta crônica, Lulu Sênior definitivamente não é o “gordo patrão”, ou seja, não é Ferreira de Araújo, aquele que estava sofrendo represálias por ter denunciado abusos de poder por parte da polícia. Nessa bala de estalo, era apenas Lulu Sênior quem falava, deixando o tema “espinhoso”, ou mesmo o “processo”, para o dono do jornal. Diferentemente de crônicas em que Lulu Sênior falava como Ferreira de Araújo, como é o caso da bala de estalo de 01/07/1883, em que ele assumiu ser o autor de uma peça teatral chamada *O Primo Basílio*, nesta, sobre a polícia, o narrador coloca-se à frente do cronista. Apesar do efeito humorístico que a estratégia certamente tinha, o movimento de aproximação e distanciamento entre autor e narrador – repetido inúmeras vezes ao longo da série - como observaremos mais adiante, constituía também uma estratégia importante na instauração das discussões políticas feitas no jornal e na manutenção da desejada “imparcialidade” da *Gazeta*.

É necessário observar que a brincadeira de Lulu Sênior estava longe do tratamento dispensado por outros cronistas aos seus respectivos pseudônimos. Machado de Assis, por exemplo, ao criar Lélío, outro narrador das populares “Balas de Estalo”, jamais lidou com a sua personagem como se fosse uma mera assinatura. Ao contrário, Machado, partindo de características previamente elaboradas e sustentadas durante toda a publicação de “Balas”, criou um narrador que se esforçou em delimitar seus pontos de vista e até mesmo seu particular *modus operandi* na abordagem dos temas que frequentaram as suas crônicas na série (RAMOS, 2010).

A brincadeira sobre a autoria dos textos de Araújo eram tão frequentes que ela se torna tema de uma crônica de Lélío em “Balas de Estalo”. Em março de 1884, saía pela gráfica da *Gazeta de Notícias* um volume intitulado “Cousas Políticas de 1883”, no qual Ferreira de Araújo reunia todos os textos publicados sob aquele título. *Lélío*, pseudônimo de Machado de Assis, no dia 13 de março de 1884, não deixaria de registrar o acontecimento:

Meu caro Lulu Sênior - você que é da casa – podia tirar-me de uma dúvida. Acabo de ler nos jornais a notícia de que estão coligidos em livro os artigos hebdomadários da *Gazeta de Notícias*, denominados ‘Cousas Políticas’, atribuindo-se a autoria de tais artigos ao diretor da mesma *Gazeta*. Eu até aqui conhecia este cavalheiro como homem de letras, amigo das artes, e um pouco médico. Nunca lhe atribuí a menor preocupação política, nunca o vi nas assembleias partidárias, nem nos órgãos de uma ou outra das novas escolas políticas. [...] Isto posto, cá das nuvens quando li que as ‘Cousas Políticas’ eram desse cavalheiro. Se quer que lhe fale com o coração nas mãos, não acredito. Não bastam a imparcialidade dos juízos, a moderação dos ataques, nem a sinceridade das observações; e se você não fosse um *pouco parente dele*, eu diria que não bastam mesmo o talento e as graças do estilo para atribuírem-lhe tais crônicas. Acho nelas um certo gosto às matérias políticas, que, depois do efeito produzido por uma citação de Molière na Câmara, suponho incompatíveis às aptidões literárias. [...] A especialização dos ofícios é um fato sociológico. Isto de ser político e homem de letras é cousa que só se vê naqueles países da velha civilização [...]. Se é assim, se as cousas são como tais, então cumprimenta por mim o nosso Ferreira de Araújo, dizendo-lhe ao mesmo tempo que continue, e cá me tem a lê-lo e relê-lo, e adeus (LÉLIO, 1884, p. 2, grifo nosso).

Como podemos observar, Lélío também não se refere a Lulu Sênior e Ferreira de Araújo como se eles fossem a mesma pessoa. Para o narrador de Machado, ambos são, no máximo, apenas “um pouco parentes”. A diferenciação entre um e outro feita por Lélío sugere que, além da piada intrínseca aos textos de “balas”, pelo menos quanto à forma (crônica e editorial), estes narradores continuavam separados: Lulu Sênior, um pseudônimo humorístico, e Ferreira de Araújo, dono da *Gazeta de Notícias*, a voz do jornal moderno, isento e independente. Imagens reforçadas na própria maneira que Lélío descreve Araújo: “homem de letras”, nunca visto em “assembleias partidárias”, nem nos “órgãos de uma ou de outra nova escola política”. Ou seja, um homem independente politicamente, representante das opiniões da *Gazeta de Notícias*, que se propunha a, semanalmente, comentar a vida política do império. Para Lélío, um dos principais méritos das “Cousas Políticas” era, então, esse espírito de isenção e imparcialidade política.

Seguir essas especificidades da organização do jornal significa, por sua vez, compreender a forma como cada um dos assuntos discutidos por estes narradores foi tratado nesses diferentes espaços. Ao longo da leitura da série, podemos perceber que Ferreira de Araújo lidava de forma um pouco mais moderada em certos assuntos quando a discussão ocorria em “Cousas Políticas” do que quando escrevia sob o pseudônimo Lulu Sênior nas “Balas de Estalo”. Por outro lado, o humor desta série de crônicas e o véu, mesmo que transparente, do pseudônimo, pareciam lhe dar mais liberdade para discutir temas delicados referentes à monarquia e ao poder pessoal do imperador, por exemplo, sem comprometer a “imparcialidade” do jornal. A *Gazeta de Notícias*, dizendo-se uma “folha neutra”, não poderia ter em seu editorial ataques frontais ao imperador, nem ridicularizações da figura do monarca, ou dos seus rituais e de sua intelectualidade, sem ser considerada uma folha demasiadamente política e partidária. A manutenção de uma imagem de “neutralidade” e de defesa apenas do bem público norteavam a atuação de Ferreira de Araújo em sua coluna dita “mais séria”. Zig-Zag, pseudônimo do jornalista Henrique Chaves nas “Balas de Estalo”, em crônica de 14 de março de 1884, também se referirá, em tom de brincadeira, a essa “neutralidade” nas “Cousas Políticas”:

Levei um ano inteiro a desviar os olhos dessas *Cousas Políticas* e não fazer caso das primeiras colunas da *Gazeta*, às segundas-feiras. Quando cheguei ao fim de oitenta e três, pensei que as *Cousas Políticas* haviam acabado. Enganei-me. Entraram energicamente pelo oitenta e quatro, continuando a privar-me às segundas-feiras da leitura das referidas primeiras colunas desta folha. Agora vejo em volume as mesmas *Cousas*. [...] O homem não quer somente ser lido, quer ser meditado. [...] Tive um momento de fraqueza e li *Cousas Políticas*. [...] Não direi claramente a minha opinião, com receio de arriscar o meu lugar de baleiro honesto e trabalhador. Entretanto, quer me parecer que as *Cousas Políticas* constituem um livro perigoso para a estabilidade das nossas instituições. Em primeiro lugar, pela leitura do livro não se fica sabendo se o autor é liberal, conservador, monárquico, republicano, escravagista, emancipacionista, abolicionista, ultramontano ou livre pensador. Ora, tratando-se de *Cousas Políticas*, esta omissão é indesculpável. [...] Deve-se ser liberal ou conservador” [...]. O contrário é fazer política *sui generis*. Aplaudir os atos bons de uma administração e censurar os atos maus da mesma administração é fazer-se política do *sim* e do *não*. O escritor que faz isto não é um imparcial, é um incompetente (ZIG-ZAG, 1884, p. 2, grifo nosso).

No jogo entre os narradores de “Balas de Estalo”, que viviam criando “duelos”, e “polêmicas” como uma estratégia de reforçar o caráter coletivo da série para os leitores, Zig-Zag transformara-se em uma espécie de “adversário” de Lulu Sênior. Apesar de Henrique Chaves (o cronista responsável pela assinatura do pseudônimo Zig-Zag) ser

amigo de Ferreira de Araújo e também um dos fundadores da *Gazeta*, na série, com o propósito da pilhéria, ele, através de seu narrador, vivia a confrontar as opiniões de Lulu Sênior sobre os mais diversos assuntos. A disputa entre os dois se tornou tão popular entre os leitores da série que, em 1887, quando foi publicada uma edição em livro de “Balas de Estalo”, foram as crônicas desses dois narradores as escolhidas para integrar o volume. E é exatamente isso que está ocorrendo na “bala” de 14 de março de 1884, citada acima. Por pilhéria, Zig-Zag satiriza a moderação do autor das “Cousas Políticas”, chamando-o não de imparcial, mas de “incompetente”. Além disso, para quem fosse leitor assíduo de “Balas de Estalo” e das “Cousas Políticas”, o comentário sobre a política do “sim e do não” seria rapidamente reconhecido como uma piada de endereço certo, pois tanto Lulu Sênior quanto Ferreira de Araújo criticaram, em vários de seus textos, o então chefe do gabinete de ministros, Lafayette Rodrigues Pereira, de ministro do “pode ser que sim, pode ser que não”. Ex-republicano, um dos signatários do Manifesto Republicano em 1870, voltou a ser monarquista ao ser chamado para o Conselho do imperador. Segundo Araújo, sem grandes pretensões políticas, Lafayette apenas se destacava por sua importância como jurista e por sua grande ilustração. Ao chegar à presidência do gabinete de ministros foi bastante criticado por sua fraqueza política e pelo abandono do programa de seu partido. Questões como abolição, reforma judiciária, grande naturalização e casamento civil foram proteladas ao longo de seu governo, que tentou agradar a todos, liberais e conservadores, e acabou por desagradar a ambas as forças políticas. Lafayette ficou então conhecido por sua frase típica, o famoso “pode ser que sim, pode ser que não”, que virou motivo de críticas e chacotas por parte da imprensa, principalmente nas “Cousas Políticas” de Ferreira de Araújo.

Zig-Zag, na crônica citada acima, estende a brincadeira feita a Lulu Sênior, em Balas de Estalo, a Ferreira de Araújo, autor das “Cousas Políticas”, aproximando, de certa forma, os autores das duas colunas. Além disso, o comentário sobre a “incompetência” do autor das “Cousas”, que não se decidia pelas opiniões políticas, tal como o ministro Lafayette, não deixava de ser um reforço da imagem da coluna como um espaço “neutro” do jornal. Henrique Chaves, através de Zig-Zag, claramente fazia pilhéria ao criticar a imparcialidade desejada pela coluna “Cousas Políticas”, na medida em que sabemos que, como fundador e como um dos chefes da redação da *Gazeta de Notícias*, ele também compartilhava dos anseios de Ferreira de Araújo por uma imprensa dita “moderna”, “isenta” e “independente”. Através da piada, Zig-Zag não deixava de explicar ao leitor o que era a coluna “Cousas Políticas”, reforçando as

intenções desta e da própria *Gazeta de Notícias* de se afirmar como uma imprensa neutra.

De fato, em nenhum dos artigos das “Cousas Políticas” Ferreira de Araújo se diz abertamente liberal, conservador, monarquista ou republicano. Nisso Zig-Zag parecia estar certo. Não se pode negar, porém, que o dono da *Gazeta de Notícias* tenha evidenciado seus ideais liberais nas páginas de “Cousas Políticas”. Durante toda a publicação dessa coluna, ele defendeu a reforma judiciária, a imigração, a substituição do trabalho escravo pelo assalariado, o casamento civil, a grande naturalização, a separação entre a Igreja Católica e o Estado Monárquico, reivindicações que, na época, eram consideradas integrantes de um programa tipicamente liberal. É preciso lembrar, contudo, que essas discussões eram feitas de forma mais contida e sem ferir grandes suscetibilidades, como mostraremos a seguir. Afinal de contas, o que estava em jogo era a imagem da *Gazeta de Notícias*.

#### *A política nas “Balas de Estalo” e nas “Cousas Políticas”*

Em 1883, Ferreira de Araújo (Lulu Sênior), Henrique Chaves (Zig-Zag) e Demerval da Fonseca (Décio e Publicola) eram os principais colaboradores de “balas de Estalo”. Juntos, eles representavam a maioria dos textos que foram publicados sob esse título, enfatizando nessas peças de “artilharia” adocicada temas como a Monarquia, a Religião e a Escravidão. Podemos dizer que, nesse primeiro momento da série, foram eles que conjuntamente construíram um sentido político para as “Balas de Estalo”. Ou seja, foram os próprios donos e fundadores da *Gazeta de Notícias* que deram o “tom” daquilo que seria dito naquelas crônicas bem humoradas.

Um dos temas favoritos destes “artilheiros” era, sem dúvida, o imperador. Chamado de “clássico pela educação e pela tradição”, D. Pedro II foi criticado na série pelo uso excessivo do Poder Moderador, por preferir ministros que não tivessem opinião, para mais facilmente “assimilarem” o que Ele lhes impingia (ZIG-ZAG, 1883, p. 2) ou ainda por sua intelectualidade puramente ornamental, que cochilava tanto nas sessões do IHGB quanto nas suas visitas à Sorbonne, como afirmara José do Egito, pseudônimo de Valentim Magalhães na série (JOSÉ DO EGITO, 1883, p. 2). Na crônica do dia 18 de setembro de 1883, por exemplo, quando Lulu Sênior comentava a tradicional Fala do Trono (cerimônia que abria e encerrava as atividades parlamentares no Império), o imperador era visto com deboche. Segundo a descrição do narrador, D. Pedro II saía de sua casa um “carro todo cheio de feitios”, “uns feitios muito sem

gosto”, e ia de “calção, meia de seda, manto e coroa”, como se usasse uma “fantasia” de carnaval. Com sua “voz fanhosa”, “por causa do *pince-nez* encarapitado na ponta do nariz”, ia “mascarado” dizer o que não pensava de fato, mas que havia sido escrito anteriormente por ministros e conselheiros. Carnavalizando uma das principais cerimônias políticas do império, Lulu Sênior, na sua bala de estalo, via na política nacional uma grande encenação, ou ainda uma brincadeira de “mau gosto”, cujo principal protagonista era o imperador (LULU SÊNIOR, 1883, p. 2).

Já nas suas “Cousas Políticas”, a figura do monarca aparecia com novas tintas, coloridas agora pela função que a coluna exercia no jornal de Araújo. Um dos exemplos disso está no artigo publicado no dia 3 de dezembro de 1883, no dia seguinte ao aniversário de D. Pedro, no qual Ferreira de Araújo decide escrever para responder aos boatos surgidos de que o imperador teria se recusado a comutar a pena de morte a que havia sido condenado um escravo. Neste artigo, o autor das “Cousas Políticas” afirmava que a abolição estava no espírito do imperador, que sua intelectualidade, e mesmo a visita feita a Victor Hugo, um dos grandes críticos da pena de morte na França, o livravam dessa “calúnia”. Segundo Araújo (1883, p. 1):

A abolição está em todos os espíritos e em todos os corações. O imperador hesita em dar um passo decisivo, ou por considerações de ordem econômica, ou por não ter tido à mão um homem capaz de levar por diante esta campanha, indo ao encontro da onda que vem de baixo, não para combatê-la, mas para reformá-la. Mas o tino político de Sua Majestade, opõe-se certamente a que vá agora praticar um ato que seria a condenação de um movimento em que se envolvem todas as classes sociais em todos os pontos do império.

Em “Balas”, o imperador é voluntarioso e nem sempre coerente em suas decisões políticas. Utiliza-se do Poder Moderador e não respeita a representatividade parlamentar quando, por exemplo, decreta a dissolução da Câmara de Deputados. Já em “Cousas Políticas”, trata-se de um governante respeitador da vontade nacional, dos movimentos em que “se envolvem todas as classes sociais”, um monarca que só não avança sobre a questão da abolição por falta de um homem (ministro, um líder político) “capaz de levar adiante esta campanha”. E Araújo (1883, p. 1) prossegue:

Ora, o Imperador do Brasil é um homem de seu tempo, cultiva o seu espírito, e vê o que lhe convém fazer. Para prova aí temos um fato. O Imperador recebeu uma educação toda religiosa; é manifestamente um crente, e talvez tenha mesmo alguma pontinha de superstição; do melhor de seus afetos, daquele que consubstancia também a suas esperanças, e representa o seu futuro, vem-lhe um reforço a essa ordem de ideias; No entanto, durante o seu longo reinado, nunca o clericalismo ditou leis a este país, e se hoje há uma tentativa nesse

sentido, se procura imprudentemente preparar terreno para essa planta absorvente, não é por influência do monarca que tal acontece.

Mais uma vez, o imperador deixa de ser o alvo das críticas para se tornar um homem que “cultiva o espírito de seu tempo”, sem que nessa afirmação exista a ironia ferina dos comentários de Lulu Sênior. O que em “Balas” era de responsabilidade da omissão do imperador diante do problema da Igreja, em “Cousas Políticas” a culpa passa a ser do próprio clericalismo, que avança independentemente da influência de D. Pedro II. Segundo este artigo, o clericalismo não ditou leis no reinado de Dom Pedro II, o que soa estranho à fala daquele Ferreira de Araújo, crítico contumaz da união entre Igreja e Estado sob o pseudônimo de Lulu Sênior. Na bala de estalo do dia 3 de junho de 1883, o narrador criado por Araújo na série critica o imperador por ser o maior responsável pelos poderes adquiridos pela Igreja Católica no Império. Atribuindo os atrasos do país à união entre a Igreja e o Estado, Lulu Sênior afirmava que o imperador vivia um “engano” ao acreditar que a religião que se praticava em Petrópolis era a mesma da que se praticava nas “classes inferiores”. O narrador afirmava:

Engano majestade, puro engano! Aquela religião que se pratica em Petrópolis é uma exterioridade muito bonita e florida, em que os sentidos de um amator de bom gosto apreciam o que há de melhor neste mundo: a música, a mulher, o perfume. Mas essa religião é manjar dos príncipes, é a primeira mesa, cá pelas classes inferiores, a religião é o jejum, a penitência, a confissão, o óbolo de São Pedro, o nascimento verificado pela igreja, a legitimação da família dependendo da Igreja [...] (LULU SÊNIOR, 1883, p. 2).

No artigo publicado na coluna “Cousas Políticas” no dia 14 de julho de 1884, Ferreira de Araújo volta a responder a alguns ataques feitos pelo *Diário do Brasil*<sup>2</sup> ao imperador e a sua atitude diante da questão da emancipação, e aproveita para expor a posição da *Gazeta de Notícias* em relação à monarquia:

O que se adianta, pois, atribuindo a este ou aquele a responsabilidade de um movimento a que o país todo se associa, e atribuindo-lhe como se esse fosse um mal? Esta é a linguagem dos que alcunham os propagandistas de anarquistas e desordeiros [referência ao *Diário do Brasil*]; dos que dizem que a propaganda prega a desordem e a revolução. [...] não somos suspeitos nesta folha de excessivas simpatias, de prevenções sistemáticas pelo imperador; não tendo pretensões pessoais, os atos do imperante tem para nós a mesma significação dos de outro qualquer funcionário público; mas enquanto não nos convenceremos de que a atual forma de governo é um embaraço efetivo ao desenvolvimento do país, enquanto não virmos organizada cousa que seja ou pareça melhor, consideraremos um ato subversivo o levantar ódios especiais contra um cidadão a quem

apenas cabe uma parte da responsabilidade gloriosa que muitos outros com razão querem partilhar (ARAÚJO, 1884, p. 1).

Nesse texto, Araújo afirma não ter sido convencido ainda de que a Monarquia representava um empecilho ao desenvolvimento do país, além de censurar o desrespeito com a figura do imperador em ataques frontais como o feito pelo *Diário do Brasil* no dia anterior. Mais uma vez o autor se distancia da tônica das “Balas de Estalo”, incorporando muito mais na sua fala o espírito “imparcial” evocado nas “Cousas Políticas” de 11 de fevereiro de 1884, que deu início a este artigo. Em “Balas”, o imperador muitas vezes era associado, e responsabilizado, aos principais problemas nacionais e ao atraso que algumas instituições representavam para o país. Nas “Cousas Políticas”, as críticas não deixavam de ser feitas, mas de forma diferente. Segundo Araújo, o interesse do jornal era o “bem geral”, a superação das dificuldades, mantendo uma análise “desapaixonada”. O objetivo seria, então, criticar aquilo que precisava ser criticado na Monarquia, sem combatê-la, sem desejar ou pregar “revoltas”. No entanto, ao analisar o conjunto da produção de “Balas de Estalo”, podemos perceber que a série construirá sentidos políticos bem específicos para a instituição monárquica no Brasil. A monarquia será, na série, associada ao atraso, à uma religião oficial e à escravidão. Na série, a despeito de um projeto político definido, republicano ou não, o que fica evidente é o esforço desses vários narradores em caracterizar a falência de antigas práticas políticas ligadas à monarquia, tais como a forte atuação do poder Moderador. Um esforço que se repetiu em muitos dos textos publicados na série e que faziam abertamente uma crítica debochada das instituições e do imperador.

Ao analisarmos as duas séries, “Balas” e as “Cousas Políticas”, podemos observar que um dos fatores que talvez permitisse à “Balas de Estalo” uma independência em relação ao jornal, e a esse compromisso com a “imparcialidade” da *Gazeta de Notícias*, fosse justamente o caráter humorístico da série. Em “Balas”, Lulu Sênior não era o dono do jornal de maior circulação do Rio de Janeiro, mas apenas um dos “confeiteiros” de uma série cujo objetivo mais evidente era fazer pilhéria com os acontecimentos cotidianos. As assinaturas tinham significados bem diferentes no espaço da *Gazeta de Notícias*: Araújo representava, em “Cousas Políticas”, o peso do compromisso com jornalismo “neutro”, Lulu Sênior simbolizava a liberdade do cronista, da série preocupada principalmente com a galhofa. Sob a assinatura de Lulu Sênior estava também o jornalista-literato e sua “missão” com a modernidade e o seu desejo de ser um “transformador” da sociedade (SEVCENKO, 2003). O espaço da coluna “Cousas Políticas”, utilizado mais para censurar os atos dos ministérios que se

revezavam no poder, não se desejava enfrentar uma guerra com a monarquia, ou talvez não se quisesse rotular a *Gazeta de Notícias* de jornal republicano. Em “Balas de Estalo”, a construção desses sentidos políticos surgia de forma mais plural, coletiva, a partir de um debate que se dava entre muitos colaboradores que, em última instância, diziam estar ali apenas para rir de tudo. Pulverizada na coletividade, a opinião de Lulu Sênior era apenas mais uma no universo de cronistas que compunham a coluna “Balas de Estalo” e debatiam os assuntos do dia, repassando as principais notícias do jornal.

Entretanto, é preciso observar que se Ferreira de Araújo parecia preferir as páginas de “Balas de Estalo” para fazer críticas à Monarquia, ele reservava para as suas “Cousas Políticas” as análises e comentários sobre os governos que se sucediam no poder, bem como para criticar o abandono por parte dos partidos os seus programas políticos. No dia 24 de maio de 1883, por exemplo, sobe ao poder o gabinete ministerial chefiado pelo liberal Lafayette Rodrigues Pereira, substituindo o Marquês de Paranaguá, também liberal e que estava no poder desde julho de 1882. Desde 1878, com o gabinete Sinimbú, estavam os liberais no poder. Com Saraiva fizeram a reforma da legislação eleitoral em 1881, mas desde então não colocaram em pauta uma das principais discussões do momento: a abolição da escravidão.

Quando Lafayette Rodrigues Pereira se apresentou à Câmara como o novo chefe do gabinete de ministros, ele se comprometeu a cumprir uma série de reformas da agenda liberal. Além disso, sobre o chamado “elemento servil”, assumiu o compromisso de discutir uma localização dos escravos nas províncias – para apoiar a Lei de 28 de Setembro de 1871 -, além de prometer ocupar-se com o aumento do fundo de emancipação através da criação de impostos. No entanto, um mês após a sua subida ao governo, ele ainda não havia proposto nenhuma discussão sobre as reformas prometidas. Diante disso, Ferreira de Araújo deu início a uma série de ataques ao ministério – tanto em “Balas de Estalo” como em “Cousas Políticas”, ambas de formas muito parecidas.

Para Ferreira de Araújo, dentre as críticas feitas aos liberais, Lafayette possuía alguns “agravantes” em termos de incoerências políticas. Dono de uma trajetória política bastante peculiar, Lafayette tinha, em sua biografia, o fato de ter assinado o manifesto republicano em 1870, quando ainda não tinha uma carreira política consolidada. Em 1878, quando os liberais voltaram ao poder, entretanto, ele foi chamado para ser ministro, elegendo-se deputado logo em seguida. Nomeado Senador, ele alcança a seguir o posto mais alto entre os cargos políticos no Império e toma seu lugar no Conselho de Estado. Em maio de 1883, em meio à crise do Gabinete

Paranaguá, Lafayette foi então chamado pelo imperador para organizar um novo ministério, surpreendendo a todos. Ferreira de Araújo, perplexo com a nomeação, dizia não compreender uma ascensão tão rápida de alguém que se mantinha tão ausente das discussões políticas. Porém, Lafayette Rodrigues tornou-se mesmo um dos alvos preferidos do dono da *Gazeta de Notícias* quando decidiu citar Molière em um de seus discursos na Câmara dos Deputados. Vejamos uma “Bala de Estalo” escrita por Lulu Sênior após esse discurso, em 22 de junho de 1883:

Molière, oh velho mestre, os conservadores cá da terra estão a pisar-te nos canteiros. Pegaram em ti, os bárbaros, e, sem respeito nem ao teu talento enorme, nem ao tempo que o consagrou, eles, os conservadores, que se dizem amigos do classicismo, andam a resguardar-te à maneira do urso da fábula. Os liberais, esses, estão apenas... vexados. Há aqui um ministro liberal que parece ter lido a sua obra, e o que parece mais! tê-la entendido. Esse ministro, que não estava a um canto do bosque, escondido na espessura das árvores, de carabina em punho, à espera que passasse uma pasta vaga; esse ministro que nunca foi chefe de partido, nem o pretendia ser, estava tranquilamente em sua casa, a ler os juristas, e a ler-te a ti, quando lhe levaram a notícia de que era preciso ir lá para cima, [...]. O bom homem, que sim há espírito e leitura, entendeu que estavam a zombar dele; mas enfim, lá foi e lá está. [...] fazem-lhe uma pergunta sobre uma questão que deitou por terra o ministério passado, e o homem responde que não sabe ainda o que há de fazer. Mas, em vez de dizer isso simplesmente por sua conta, o homem deitou um pouco de literatura, e disse que, como Sganarello, respondia: - Pode ser que sim, pode ser que não (LULU SÊNIOR, 1883, p. 1).

A citação de Molière na Câmara dos Deputados causou grande *frisson* na imprensa carioca e Lafayette foi ridicularizado por usar uma citação literária naquele ambiente parlamentar sempre tão satirizado por sua retórica simples e vazia. A frase “pode ser que sim, pode ser que não” tornou-se sinônimo de seu gabinete, principalmente no que dizia respeito à questão da libertação dos escravos. Lulu Sênior aproveitava-se do ocorrido para declarar sua opinião sobre o ministro, afirmando que este não tinha uma carreira política consolidada e que sua nomeação para chefe de gabinete era despropositada e sem coerência. E Lulu Sênior (1883, p. 2) continua:

Os barões de hoje, por serviços prestados ao Estado, com escala pela rua do Sacramento, não te ouvem e não te leem, truão. Um deputado moço, [...], disse em um arrebatamento de eloquência e erudição – que Sganarello é um Tartufo, é um truão. E sabes o que lhe responderam? – Apoiado! [...] O ministro que respondeu com as palavras do filho da tua observação, podia ter-se comparado melhor a um dos teus Sganarellos, dizendo que era presidente do conselho como ele fora médico: - à força. Mas a impressão geral parece que foi que o homem tinha tido a ideia de comparar-se àquele dos teus Sganarellos, que constitui na tua obra a família lamentável de que é chefe Georges

Dandin, *Qui l'a voulu*; nem ao menos, a digna promotoria lhe concedeu a circunstância atenuante de dizer como o do *Médecin volant*, que o seu nome de Sganarello seria trocado pelo de Cornelius.

Na crônica acima, confundir Sganarello com Tartufo seria, de fato, um enorme engano. Tartufo não é um charlatão, mas um hipócrita e dissimulado. Lulu Sênior aproveita-se desta crônica não só para criticar o uso superficial de Molière na Câmara, mas para definir Lafayette através da obra do autor. Compara-o ao falso médico charlatão. Além dessa comparação, o ministro também é comparado a Georges Dandin, umas das personagens da peça *O Marido da Fidalga*. Dandin é um camponês rico que se casa com uma mulher de origem nobre. Ao desconfiar que esteja sendo traído pela esposa, percebe o grande equívoco que cometeu ao casar-se com alguém de origem social tão diferente e arrepende-se da união. Ao longo da peça evidencia-se a dificuldade que ele encontra de adentrar esse mundo da fidalguia. Para Lulu Sênior, Lafayette, assim como o marido traído da fidalga, também cometeu um grande engano ao ingressar num mundo do qual há tempos conservara-se distante e pelo qual nunca havia feito nada.

No dia 25 de junho, três dias depois da publicação da crônica citada acima, Ferreira de Araújo, agora não mais sob o pseudônimo de Lulu Sênior, volta ao assunto da citação de Molière nas suas “Cousas Políticas”. Neste dia, ele endereça seu artigo ao próprio chefe de ministros, explicando-lhe a necessidade de uma justificativa para a sua rápida ascensão política:

Não há negar. Depois da assinatura do manifesto republicano, entrar de novo nos arraias monárquicos, embora em posto muito inferior àquele em que estava quando os deixou, era voltar atrás, era caminhar por desvios, porque a linha reta era a que seguiam os que batalharam durante dez anos, sempre vencidos na luta, mas lutando sempre, repelidos do Parlamento, mas batalhando na imprensa. [...] O Sr. Lafayette, porém, tem responsabilidades mais graves, uma que lhe impõem sua inteligência e ilustração, outra que lhe impõem os seus precedentes, o seu republicanismo e sua apostasia. Se o Sr. Lafayette, depois de assinar o manifesto republicano, se prestou a ser ministro, a fazer-se eleger deputado por eleitores que dependiam do ministro, a fazer-se eleger senador por outros eleitores em iguais condições, a fazer-se escolher senador por outro eleitor que queria prender mais a si sans-culotte da véspera, a ser presidente do conselho de ministros, só pela vaidade pessoal de ocupar esses cargos, à maneira do Comte. Oscar da opereta de *Offenbach – comme les autres* – S. Ex. ilude-se, porque não consegue ser como os outros que, apesar de medíocres, não são renegados. [...] S. Ex. será quando muito um Monsieur Jourdain, o Bourgeois Gentilhomme, e dirá olhando para sua farda de ministro – *Mon tailleur m'a envoye des bas de soie que j'ai pensé ne maittre jamais*. A sua intervenção nos negócios públicos será como a desse herói de Molière; e quando brigarem, os Sr. Corrêa, mestre de

armas do Senado, o Sr. Ferreira Vianna, mestre de filosofia na Câmara, com o Sr. Dantas, mestre de dança na Sibéria, o Sr. Cândido de Oliveira, mestre de música na Cadeia Velha, S.Ex. limitar-se-á a dizer: Oh! Battez-vous tant qu'il vous plaira: je n'y saurais que faire et je n'irai pas galêr ma robes pour vous separer. Je serais bien fou de m'aller fourrer par mi ceux, pour recevoir quelque coup, Qui me ferait mal. [...] Ora, o Sr. Lafayette tem o dever de ambicionar muito mais. Se não é um ambicioso vulgar, S. Ex. tem obrigação de justificar sua carreira política, prestando serviços reais ao país (ARAÚJO, 1883, p. 1).

Monsieur Jourdain, burguês deslumbrado com o mundo da fidalguia francesa, é personagem da peça *O Burguês Fidalgo*, de Molière. Jourdain é rico e deseja ser como um “gentilhomme”, educado, sofisticado e elegante. Para tanto, faz-se rodear de “mestres” de dança, música, esgrima e filosofia para que estes o insiram no mundo da nobreza. A peça de Molière se abre com Monsieur Jourdain acordando e vestindo seu rico e ornamentado roupão, evidenciando para o público sua vaidade exacerbada e sua excessiva preocupação com a ostentação do mundo luxuoso o qual ambicionava participar. A cena que Lulu Sênior está citando na crônica refere-se à briga entre os mestres de dança, filosofia, esgrima e música de Jourdain sobre qual seria a mais importante para o refinamento de um homem. Os mestres o seduzem com a promessa de “dinheiro fácil”, mas deixam claro que, apesar do dinheiro, Monsieur Jourdain não só não entende de música como não tem bom gosto para apreciar a arte. O burguês é uma espécie de “títere” nas mãos de tais mestres, que o manipulam sempre com a promessa de torná-lo um homem elegante como um fidalgo. Para Ferreira de Araújo, tal como o personagem do teatro, Lafayette é um homem vaidoso, ambicioso, mas sem preparo para ocupar o cargo de destaque que lhe foi conferido. Um homem que abandonou a luta política enquanto os conservadores estiveram no poder, mas, por vaidade, aceitou voltar aos braços da Monarquia. Estava no poder, mas parecia ignorar o real motivo da escolha de seu nome. O papel dos “mestres” na transposição de Ferreira de Araújo caberia aos grandes nomes da política imperial – Dantas, com sua grande capacidade de articulação política, e Ferreira Vianna com sua retórica poderosa – e não a ele. Entretanto, para Ferreira de Araújo, Lafayette não poderia ser simplesmente um Jourdain, não poderia acomodar-se na mediocridade, na superficialidade. Ele precisava justificar e honrar a sua meteórica carreira política. Não bastava ser o vaidoso Jourdain, era preciso “prestar serviços reais ao país”.

É interessante notar o tratamento dado a esse tema – crítica contundente ao ministério Lafayette – em ambas as colunas. Ao contrário dos ataques à Monarquia, ao Poder Moderador, a formação dos gabinetes ministeriais, o não cumprimento dos programas dos partidos, as incoerências de importantes figuras da política imperial

foram criticadas de formas muitas semelhantes nesses dois espaços do jornal. Araújo parecia acreditar que a crítica aos atos governamentais dos ministérios podiam ser tratados de forma mais aberta, sem comprometer seu jornal junto ao regime monárquico, ou sem parecer panfletário em excesso. Afinal de contas, como ele mesmo afirmava, o que se buscava era o “bem geral”, o bom governo, respaldado na “opinião pública”. A crítica, como ele argumenta no artigo com que abrimos esse texto, não servia simplesmente para “destruir”, mas para “edificar”.

Entretanto, o que nos chama atenção é pensar o por que de Ferreira de Araújo ter tratado de formas tão parecidas, em um intervalo tão curto de tempo – 3 dias – o mesmo tema. Ferreira de Araújo comentou a atuação ministerial de Lafayette partindo da mesma abordagem, da mesma ironia, tanto em “Balas de Estalo”, quanto nas “Cousas Políticas”. A explicação para isso talvez esteja na função que cada coluna assumia dentro da *Gazeta de Notícias*. O resultado da comparação entre “Balas de Estalo” e as “Cousas Políticas” nos mostra que é preciso estar atento à “geografia” que compõe a *Gazeta de Notícias*, visando compreender como Ferreira de Araújo solucionou o impasse com José do Patrocínio. Como intervir no debate político e nas transformações daquela sociedade? Através de uma imprensa “neutra”, que ganhasse legitimidade pela forma independente, ponderada e imparcial de tratar os assuntos, ou ainda através de um jornal que se engajasse abertamente para conseguir “agremiar as opiniões em partidos”?

Para a *Gazeta*, parecia ser possível fazer as duas coisas, criando “funções” para cada um dos espaços do jornal. Assim, se concluimos que se as “Cousas Políticas” e as “Balas de Estalo” assumiam papéis diferentes dentro do jornal, entendemos a necessidade de Ferreira de Araújo de comentar os mesmos assuntos em dias tão próximos nas duas colunas. A estratégia parecia necessária não só porque esses espaços talvez tivessem leitores diferentes, mas porque representavam, em princípio, objetivos diferentes dentro do jornal. Definir a coluna de Ferreira de Araújo como uma espécie de editorial do jornal, selecionando formas e temas específicos para ela, era garantir a “imparcialidade” da *Gazeta* nos assuntos políticos. Construir uma série coletiva, ressaltando seu caráter eminentemente humorístico, era possibilitar que fosse forjado um projeto político mais combativo sem comprometer a linha editorial do jornal, que se pretendia moderno e fruto da nova imprensa que nascia naquele final do século.

## Referências Bibliográficas

- ASSIS, Machado de. *A Semana: crônicas (1892-1893)*. Edição, introdução e notas de John Gledson. São Paulo: Hucitec, 1996.
- BALABAN, Marcelo. *Poeta do Lápis: sátira e política na trajetória de Angelo Agostini no Brasil imperial (1864-1888)*. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2009.
- BARBOSA, Marialva. *Os donos do rio: imprensa, poder e público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000.
- FERACIN, Ana Carolina. *De papa-pecúlios a tigre da abolição: a trajetória de José do Patrocínio nas últimas décadas do século XIX*. 2006. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.
- MOLIÈRE. *O tartufo; Escola de mulheres; O burguês fidalgo*. Traduções de Jacy Monteiro, Millôr Fernandes, Octavio Mendes Cajado. São Paulo: Abril Cultural, 1980.
- PEREIRA, Leonardo A. de Miranda. *O Carnaval das Letras: literatura e folia no Rio de Janeiro do século XIX*. 2. ed. Campinas, SP: Ed. Unicamp, 2004.
- RAMOS, Ana Flávia Cernic. *Política e humor nos últimos anos da monarquia: a série “Balas de Estalo” (1883-1884)*. 2005. Dissertação (Mestrado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.
- \_\_\_\_\_. *As máscaras de Lélío: ficção e realidade nas “Balas de Estalo” de Machado de Assis*. 2010. Tese (Doutorado em História) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010.
- SEVCENKO, Nicolau. *Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na primeira República*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da imprensa no Brasil*. 4. ed. Rio de Janeiro: Mauad, 1966.

## Documentação Textual

- ARAÚJO, F. Cousas Políticas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 25/06/1883.
- ARAÚJO, F. Cousas Políticas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/07/1883.
- ARAÚJO, F. Cousas Políticas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 03/12/1883.
- ARAÚJO, F. Cousas Políticas. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 11/02/1884.
- JOSÉ DO EGITO. Balas de Estalo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 04/08/1883.
- LÉLIO. Balas de Estalo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 13/03/1884.
- LULU SÊNIOR. Folhetim. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 02/08/1875.
- LULU SÊNIOR. Balas de Estalo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 03/06/1883.
- LULU SÊNIOR. Balas de Estalo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 22/06/1883.
- LULU SÊNIOR. Balas de Estalo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 18/09/1883.
- LULU SÊNIOR. Balas de Estalo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29/09/1883.
- PATROCÍNIO, J. Semana Política. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 27/06/1881.
- ZIG-ZAG. Balas de Estalo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 29/04/1883.
- ZIG-ZAG. Balas de Estalo. *Gazeta de Notícias*, Rio de Janeiro, 14/03/1884.

## Notas

<sup>1</sup> Lulu Sênior era o pseudônimo utilizado por Ferreira de Araújo em muitos de seus escritos e especialmente na série “Balas de Estalo”.

<sup>2</sup> O *Diário do Brasil*, jornal do partido liberal, posicionou-se radicalmente contra a abolição da escravidão no Ceará em 25 de março, culpou os jornais da Corte de estarem fazendo campanhas abolicionistas e

---

insuflando os “ódios sociais”, foi contra o projeto Dantas e culpou o imperador pelo encaminhamento da questão.

Artigo recebido em 14/08/2013. Aprovado em 11/11/2013.